

NUNCA FOI TÃO FÁCIL
GANHAR O CÉU!

Coleção **MODELOS DE VIRTUDE**

- *Um “santo” surfista: o servo de Deus Guido Schäffer,*
Ricardo Figueiredo
- *Não eu, mas Deus: biografia espiritual de Carlo Acutis,*
Ricardo Figueiredo
- *Madre Teresa: uma santa para os ateus e para os casados,*
Raniero Cantalamessa
- *O Francisco que está em você: vida de São Francisco de Assis
narrada para o homem de hoje,* Wilson João Sperandio
- *Nunca foi tão fácil ganhar o céu! Biografia espiritual de
São José Sánchez del Río,* Ricardo Figueiredo

Ricardo Figueiredo

NUNCA FOI TÃO FÁCIL GANHAR O CÉU!

Biografia espiritual de
São José Sánchez del Río



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Figueiredo, Ricardo

Nunca foi tão fácil ganhar o céu: biografia espiritual de São José Sánchez del Río / Ricardo Figueiredo. – São Paulo: Paulus, 2021.
Coleção Modelos de virtude.

ISBN 978-65-5562-144-0

1. Sánchez del Río, José, 1913-1928 - Biografia 2. Santos Cristãos
I. Título

20-4363

CDD 922.22

CDU 929:235.3

Índice para catálogo sistemático:

1. São José Sánchez del Río - Biografia

© PAULUS Portugal, 2020

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão e adaptação ao português do Brasil: *Tiago José Risi Leme*

Projeto gráfico: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem da capa: *Domínio público*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-144-0

PREFÁCIO

João César das Neves¹

Quando contemplamos a santidade, qualquer santidade, encontramos muitas realidades diversas. A bondade é sempre variada, original, inesperada; é o pecado que é monótono e repetitivo. Por isso, são muitas as particularidades, as facetas, as qualidades que encontramos nas vidas dos santos. A elevação e sublimidade dos místicos, a coragem e paciência dos mártires, a prudência e autoridade dos pastores, a sabedoria e sutileza dos doutores, a beleza e profundidade das virgens, a humildade e persistência dos confessores refulgem em mil fulgores. A santidade manifesta-se sempre numa espantosa profusão de maravilhas, mesmo na pobreza dos meios.

Só que, ao longo desta indescritível abundância e diversidade, existe sempre um elemento, o único comum a todos, que por vezes se arrisca a ficar oculto atrás da exuberância: o Mistério. Em todos os casos de santidade, há sempre algo que escapa à nossa descrição, porque escapa sempre à nossa compreensão. Existe naquela vida um aspecto que nossas categorias não conseguem abarcar; nossos juízos, descrever; nossas explicações, justificar. Porque aquela pessoa vive centrada num Outro que, afinal, está para lá do nosso alcance, como esteve para lá do alcance do santo,

¹ João Luís Alves César das Neves (Lisboa, 1957), economista, catedrático e professor universitário português. É casado e pai de quatro filhos. (N.R.)

por mais perfeito que ele fosse. Até está para lá do alcance da mais perfeita de todos, a Imaculada cheia de graça.

Ora, realmente, esse Mistério é a única coisa que interessa na vida do santo, porque a única motivação para contemplar a vida de um santo é ajudar em nossa relação com o Mistério. O santo já está em plena contemplação desse Mistério e agora a sua vida é um passado desnecessário, porque cumpriu a sua função. A única vantagem desse passado é para o nosso presente, como caminho para o futuro que queremos partilhar com o santo na eternidade sem tempo. É por isso que a Igreja, ao longo de séculos, sempre cuidou de colecionar vidas de santos, para que essa contemplação ajude os próximos santos. Porque nelas brilha a glória do Mistério.

Assim, se, perdidas em pormenores casuísticos, a elevação e coragem, a prudência e sabedoria, a beleza e humildade dos santos nos ocultarem ou afastarem do Mistério, então suas vidas transformam-se em tentação. Ou vemos o brilho do Mistério nas palavras e atos de santidade, ou perdemos de vista aquilo que o santo realmente foi.

No entanto, no caso particular dos mártires, a coisa é mais complexa, porque aí vemos, especialmente, não apenas um, nem dois, mas três mistérios. A santidade dos mártires é a mais misteriosa de todas.

O primeiro elemento dessa santidade é o mesmo Mistério que domina a existência de todos os santos. É isso que faz deles santos. Só que, aqui, a presença do Mistério é vivida na presença próxima da morte, que é, por si só, um grande mistério para todos os seres humanos. Nós nunca entendemos bem a morte. Perante a extinção da vida corpórea, não são possíveis

enganos, ilusões, falácias, brincadeiras. No martírio, juntamos o Mistério da vida com a presença inelutável e misteriosa da morte. No martírio, a morte torna-se misteriosamente proclamação de vida, desde que a crucificação do Gólgota terminou na ressurreição do sepulcro.

Para lá desses dois mistérios, paradoxalmente juntos no mistério do martírio, existe um terceiro. Porque a injustiça dos legisladores, a fúria dos juízes, a raiva dos algozes, a sanha dos perseguidores, por mais que se tente justificar, têm sempre um aspecto incompreensível. Por muito que estudemos o enquadramento, analisemos as motivações, compreendamos o enredo, existe na tenacidade dos algozes sempre algo de inexplicável, tanto ou ainda mais que a serenidade e firmeza dos mártires. Muitas vezes, sem se darem conta disso, os carrascos são sempre instrumento de uma força que os ultrapassa. Tal como os mártires. Esse terceiro mistério, o mistério do mal, surge por vezes claramente no arrependimento posterior dos executores, quando largam o delírio e caem em si. Porque antes não conseguiam enxergar.

Na história de São Joselito do México, o jovem *cristero* que ansiava pelo céu, todos esses aspectos são bem evidentes, porque concentrados nos curtos traços de uma vida breve. Trata-se de um santo e de um mártir muito econômico nos meios. Ele desenha o essencial numa vida de poucos anos, e num martírio de poucos dias, que este livro conta em poucas páginas. Não era e não é preciso mais.

Para lá de tudo o que ele tem em comum com todos os mártires, e especialmente com a multidão da feroz perseguição mexicana do início do século XX,

o elemento que mais distingue esse jovem santo é precisamente uma lógica econômica. Aquilo que o marcava era um raciocínio simples de custos e benefícios, na frase que dá título a este livrinho: “Nunca foi tão fácil ganhar o céu!”. Ele fez um estudo dos preços da salvação e descobriu que, no seu tempo, a eternidade estava em saldo. E ele era comprador.

Ao ler a sua vida, podemos duvidar de sua avaliação econômica. Terá sido fácil para ele ganhar o céu? O trabalho no acampamento, o embate na batalha, a humilhação da prisão, os insultos do padrinho, o sofrimento dos pais, o terror da tortura e da morte são mesmo um caminho fácil para o céu? Será que ele afinal se enganou nos cálculos?

Se olharmos as coisas desse modo, não entenderemos nada. O caminho para o céu parecia fácil a São Joselito, simplesmente porque era o caminho dele. Desde a manhã da ressurreição, é fácil a todos ganhar o céu. Aquilo que antes era impossível tornou-se agora acessível, fácil, até porque “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Por isso, aquilo que temos de aprender com S. Joselito, mais do que sua coragem e fortaleza, mais do que o seu ardor e constância, mais do que a sua fidelidade e serenidade, que são preciosos, tem de ser a capacidade para dizer, aqui e agora, na nossa vida: “Nunca foi tão fácil ganhar o céu! Contigo, meu Senhor, nesta vida que tu escolheste para me fazer santo, nunca foi tão fácil ganhar o céu!”. O que quer que nos aconteça.

Porque, o que quer que nos aconteça, não será tão difícil como foi a breve vida de São Joselito do

México, que ele achava tão fácil. Ele olhava para as forcas dos federais e as chamava de “portas do céu”. Sua circunstância não se repete; em nossa vida, não haverá forcas. Mas há muitas portas do céu. O que nos distingue do jovem Joselito não é o céu ser mais difícil ou haver menos portas para lá. É nós não vermos as nossas portas quando passamos por elas, como ele via as dele. Ver como é fácil passar pelas muitas portas que o céu pôs em nossa vida é o que temos de aprender com o exemplo de São Joselito, e que temos de pedir por sua intercessão.

Introdução

Nos últimos anos, tenho me dedicado a escrever sobre vários jovens com fama de santidade: o servo de Deus Guido Schäffer, o venerável Carlo Acutis, a irmã Clare Crockett. Em todos esses perfis espirituais, encontra-se um forte desejo de amar Jesus Cristo e segui-lo. De fato, a importância da santidade eleva a alma a capacidades muitas vezes inimagináveis. Com a presente biografia espiritual de São José Sánchez del Río, queremos mostrar como a santidade leva a pessoa a suportar grandes sofrimentos. A questão já não é, assim, a idade da pessoa. Quando contemplamos a santidade em pessoas jovens, vemos como, de fato, todos somos chamados a ser santos. Não depende das capacidades intelectuais, nem da circunstância social, nem de qualquer outra variável. Só a fé e o amor a Jesus Cristo podem ser motor de santidade em nossa vida.

O martírio de São José é motivo de muitas lágrimas. Sua heroicidade é proporcional à crueldade dos que o mataram, em meio a terríveis sofrimentos. No entanto, essa dimensão mais sensível de reagirmos a uma história concreta não deve nos impedir de ir mais fundo no interior de nós mesmos. Devemos pedir ao Espírito Santo que nos dê luz suficiente para que esses exemplos nos mostrem como tantas vezes andamos longe e distraídos em relação a Deus e em relação ao caminho da santidade.

A Igreja católica vive, nas últimas décadas, o longo período de recepção do Concílio Vaticano II. Mais do que nunca, diante das tensões e dificuldades com que ela é continuamente afrontada na atualidade, parece-me necessário regressar às intuições centrais dos textos do mesmo Concílio, que são muitas vezes esquecidos, também por nós, padres. Contudo, mais do que nunca, é necessário recordar que a vocação universal à santidade é a pérola preciosa e a filigrana que percorre todos os textos conciliares. A Igreja do século XXI é chamada a ser casa e escola de comunhão, precisamente porque não quer, para seus fiéis, outra coisa senão que aspirem ao alto nível da santidade. Acredito que o exemplo concreto – concretíssimo! – de São José Sánchez del Río poderá ser um excelente apelo a retomar esse caminho.

Ao mesmo tempo, muitas vezes julgamos que o martírio é coisa do passado e que, em nossos dias, não há mártires. Infelizmente, isso não é verdade. Em primeiro lugar, porque o cristianismo é a religião mais perseguida em todo o mundo. Em muitos lugares, ter uma Bíblia ou rezar a Jesus Cristo é motivo de perseguição e condenação. Pensar e aprender sobre a vida de um mártir deve nos levar a estar muito atentos e muito unidos a nossos irmãos cristãos que sofrem e morrem por amor a Jesus. No entanto, também no nosso “canto da Europa” surgem sinais de perseguição aos cristãos. Ser católico e viver como tal em nossa sociedade é muitas vezes motivo de chacota, de riso. Querer viver a fé cristã de forma autêntica e integral muitas vezes significa ser preterido no concurso a um emprego ou na progressão na carreira. Simplesmente porque ser cristão implica seguir Jesus Cristo, e seguir

Jesus Cristo significa ser sinal de contradição, num mundo que já não reconhece as suas raízes em Deus. Por isso, os cristãos são chamados a ser fermento no mundo e a mostrar como se pode viver com critérios diferentes dos critérios do mundo, que reduzem a pessoa a um bem comercial e para os quais a vida humana é um bem a serviço do bem-estar social e econômico.

Tudo isso nos mostra o perigo das ideologias que abandonam Deus ou que não o têm como horizonte. Vivemos numa sociedade que já não quer seguir os valores cristãos. Assim, a ideologia – da esquerda à direita, não importa – torna-se ela mesma um fim. Esmagam-se os direitos dos cidadãos, a começar pelos mais fundamentais e, ao mesmo tempo, mais frágeis: o direito à vida, que pressupõe todos os outros, como o direito à liberdade e o direito ao culto. O bem-estar físico, social e afetivo não pode se tornar o critério para uma sociedade. A sociedade cristã sempre se construiu em torno da abnegação, da coragem e da força de ânimo, que se concretizam na oferta da própria vida. Nossa sociedade não deixa de reconhecer isso, mas pretende relegar a liberdade de culto apenas à sua dimensão interior e à consciência individual, e essa coragem cristã só é permitida para a ação caritativa, em que o Estado pretende abdicar do cuidado dos pobres e dos fragilizados. Mas precisamente aqui reside o principal erro e problema da forma como a sociedade atual lida com os cristãos: conta com eles para a ajuda dos pobres e fracos, mas não compreende que sua ação caritativa tenha de ser alimentada por meio da oração e da intimidade com Deus.

Aprofundar a vida de um jovem mártir como José é, em primeiro lugar, um convite a tomar consciência

da necessária coerência de nossa vida cristã. Há um dito antigo de Tertuliano: “*Sanguis martyrum semen christianorum est*” (O sangue dos mártires é semente de novos cristãos).¹ Isso é particularmente verdade para compreendermos a força e a vivacidade da Igreja mexicana. Com efeito, a memória dos mártires mostra como a fé pode e deve ser levada muito a sério. Não é algo secundário ou indiferente, pois houve pessoas que morreram por serem católicas. E nós? Como ficamos diante dos mártires cuja memória tantas vezes celebramos na liturgia? Nossa fé também tem esse calibre? Seríamos capazes de sofrer as mais dolorosas torturas e manter-nos fiéis a Jesus Cristo? Essa atitude não pode ser simples piedade, mas é uma escolha concreta e real pela verdade e por estar do lado de Cristo. Por exemplo, os cardeais e os bispos são chamados a essa consciência de modo muito particular: os cardeais, pela cor vermelha de suas vestes, que recorda o sangue que estão dispostos a derramar pela Igreja e pelo papa; os bispos, pela cor violeta, que simboliza a morte, e pela sucessão apostólica, lembrando que os apóstolos que celebramos morreram como mártires de Jesus. Mas isso não é somente para clérigos: no coração de todos os cristãos, deve residir sempre esta serena certeza: todos nós somos descendentes de mártires na fé.

Faço votos de boa leitura e rezo para que todos nós tomemos como rumo certo e firme crescer na fé, nesta mesma fé que os mártires guardaram e defenderam com suas vidas.

¹ Frase de Tertuliano: *Apologético*, in PL 1, 535.

Agradecimentos

Agradeço ao padre Luis Laureán Cervantes, LC, a pronta e generosa disponibilidade para me ajudar no fornecimento de informações, nomeadamente a partir de seu livro, que nos serviu, em grande medida, de fonte para a investigação a respeito de Joselito.²

Agradeço ao padre Cléversom Buffon, LC, o entusiasmo e a preciosa ajuda em estabelecer o contato com o padre Luis Laureán.

Agradeço a já habitual ajuda de Fátima Pata para a correção do manuscrito e preciosas indicações para melhorar a redação.

² L. LAUREÁN CERVANTES, *El niño testigo de Cristo Rey: José Sánchez del Río, mártir cristero*, Madri, De buena tinta, 2015.